

**Para a História dos Estudos Clássicos na  
Faculdade de Filosofia de Braga:  
Guia de Latim VI**

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO  
Universidade Católica Portuguesa – Braga  
antmelo@braga.ucp.pt

**Abstract**

This article results of a Report of the discipline of Latin VI, that we developed under the theme *Rome, a civilization of the spectacles*. The public life in Rome, with effect, was characterized by an interdependence of the politics, of the culture and of the literature. The Roman taste for the spectacle favored, since the beginning, the development of the dramatic representations, that they were part of the great Roman festivals. Unconfessable political purposes are associated to these fights: in exchange for the offered amusement, they looked for the sovereigns the *aura popularis*.

**Keywords:** *Latin Literature; Seneca; Petronius; Martial; Hieronymus; St. Augustine.*

**Breve introdução**

No dia 31 de Julho, do ano corrente, a Companhia de Jesus assinalou o 450.º aniversário da morte do seu fundador, Santo Inácio de Loiola (1491-1556). Simultaneamente, neste ano jubilar, celebra-se o quinto centenário do nascimento de dois co-fundadores, de S. Francisco Xavier e do beato Pedro Fabro, ocorridos respectivamente a 7 e a 13 de Abril. Por isso, as breves reflexões que se seguem, embora determinadas no tempo por exigências académicas, não deixam de evocar a grande preocupação de Santo Inácio pela educação cristã e formação cultural dos jovens; o 'Apóstolo das

Índias' havia de acrescentar-lhe as exigências de um diálogo inter-religioso, de grande actualidade.

O texto, que agora se apresenta, é uma adaptação de um Relatório da disciplina de Latim VI e compreende duas partes: na primeira, caracterização do contexto histórico; na segunda, resenha dos objectivos e dos conteúdos.

## A. Contexto histórico e curricular

### 1. A tradição pedagógica da Companhia de Jesus, em Portugal

Na primavera de 1540, haviam de chegar à capital do reino os primeiros jesuítas enviados pelo fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loiola, a pedido de D. João III: Simão Rodrigues e Francisco Xavier. Este, por determinação do rei, demandou as terras da Índia, onde desembarcou dois anos mais tarde.

O primeiro colégio para alunos externos que os Jesuítas abriram em Portugal foi o Colégio de Santo Antão, em Lisboa, também conhecido por «Coleginho», com inauguração solene a 18 de Outubro de 1553, depois de se ter assistido à sua abertura em Fevereiro desse ano. A 23 de Agosto deste ano também já tinha sido aberto solenemente ao público o Colégio do Espírito Santo, em Évora.

Desde 13 de Junho de 1542 que a cidade do Mondego acolhia uma discreta comunidade de Jesuítas. Após um mês de permanência no Mosteiro de Santa Cruz, na baixa de Coimbra, Simão Rodrigues decide transferir-se e fundar o Colégio de Jesus, na Alta de Coimbra, a 2 de Julho desse ano. Foi a primeira casa de formação dos Jesuítas no mundo, tendo acorrido ao seu noviciado, desde o início, um número significativo de candidatos, sinal de uma crescente simpatia do povo, a quem não era alheio o sucesso dos colégios de Lisboa e de Évora. Foi por isso que D. João III determinou que se confiasse a direcção do Colégio das Artes de Coimbra aos mestres da Companhia de Jesus, o que sucedeu a partir do dia 1 de Outubro de 1555.

Cinco anos mais tarde, no dia 27 de Agosto, Inácio de Azevedo, a mando do Comissário P. Francisco de Borja, recebe das mãos do Arcebispo de Braga, o dominicano D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o Colégio de S. Paulo. Fundado em 1531 por D. Diogo de Sousa, este colégio afirma-se na

continuidade de uma tradição intelectual que se inicia com os romanos, se afirma com Paulo Orósio e S. Martinho de Dume e se preserva com a criação da Escola da Sé (1072), obra do bispo D. Pedro.

É nesta tradição pedagógica – ao estudo das *Humanitates* seguia-se o estudo da Filosofia, que precedia a Teologia – que se filia o ensino das Humanidades na *Facultas Philosophica Bracarensis*, a primeira Faculdade da Universidade Católica Portuguesa. Os Jesuítas adequaram o seu ensino aos métodos filológicos mais modernos, nas três línguas cultas, o Grego, o Hebraico e sobretudo o Latim, língua de comunicação obrigatória nos Colégios, quer na sua expressão escrita, quer oral.

Motivos vários só haviam de permitir o regresso definitivo da Companhia de Jesus a Braga em 1934. A 3 de Outubro desse ano, na Rua de S. Barnabé, estabeleceu-se o *Instituto de Filosofia Beato Miguel de Carvalho*, tendo como entidade promotora a Companhia de Jesus, através da sua Província Portuguesa. Neste contexto e nesta data, assumia-se como Instituto de Estudos Superiores de Filosofia. Conforme se prescreve na *Ratio Studiorum Superiorum Societatis Jesu*, o estudo da Filosofia era precedido, após a formação secundária, por um curso propedêutico de três anos de Humanidades e Ciências, de nível superior: segundo Baccalar e Oliveira (1967: 65) «retomar-se-ia e prosseguir-se-ia assim em moldes modernos – correspondentes às exigências contemporâneas – a tradição académica e científica do antigo Colégio das Artes anexo à Universidade de Coimbra, e da Universidade de Évora, instituições outrora a cargo da mesma Corporação docente e de que esta, por vicissitudes políticas do tempos, havia sido privada». O prestígio deste curso, ligado à formação dos estudantes jesuítas, havia de merecer o reconhecimento do Ministério da Educação Nacional que, em 1942, lhe havia de conferir apreciação e efeitos de um Curso Superior em regime de Ensino Particular, tornando assim o Instituto na primeira instituição do país a gozar de tal regalia.

Desde 1945-1947, este curso propedêutico, na orgânica interna do Instituto, aparece com a designação de *Curso Superior de Letras*, assumindo uma feição marcadamente humanística, em detrimento das *Ciências*. Atendendo ao nível do Curso de Filosofia e à obra entretanto publicada na *Revista Portuguesa de Filosofia*, o Instituto é elevado à categoria de *Faculdade Pontifícia de Filosofia* pela Sagrada Congregação dos Seminários e Universidade, por Decreto de 22 de Abril de 1947. Vinte anos mais tarde, inaugurou-se solenemente a Universidade Católica Portuguesa, em Braga, sendo esta a sua primeira Faculdade.

Foi esta a ocasião propícia para juntar, ao triénio de Filosofia, o biénio de Humanidades que havia sido leccionado no Convento da Costa, em Guimarães, e, posteriormente, em Soutelo, concelho de Vila Verde, constituindo estes cinco anos lectivos a estrutura curricular do Curso Filosófico-Humanístico.

O Curso de Humanidades nascia em 1980, tendo a sua origem no Curso de Filosofia e Humanidades leccionado, desde 1967, na Faculdade Pontifícia de Filosofia, herdeira do Instituto de Filosofia acima referido. A disciplina de *Latim VI*, objecto deste relatório, lecciona-se no segundo semestre do terceiro ano, com quarenta e cinco horas.

## 2. Justificação da escolha da disciplina de Latim VI

Podemos apontar razões várias para a nossa escolha. Em primeiro lugar, a nossa formação científica e experiência pedagógica contam com quase duas décadas consagradas ao ensino e investigação no âmbito dos Estudos Clássicos.

Depois, estes tempos adversos!... O ensino das Línguas Clássicas é visto de soslaio, numa época de *crise*, marcada por uma alucinante transitoriedade dos valores. Numa Europa à deriva, em busca de uma renovada centralidade, perfila-se um caminho de aprendizagem, de sabedoria, que se vai definir no diálogo entre o presente e o passado, que há-de iluminar o futuro de todos nós. O acesso a esta história comum é facilitado pelos Estudos Clássicos, que podem reconduzir-nos à fonte perene do pensamento ocidental, que moldou este velho continente e lhe transmitiu uma língua, veículo de comunicação universal até ao séc. XVIII e mãe das línguas românicas, o Latim. É ele que continua a justificar o movimento da unificação europeia contemporânea, para lá dos aspectos estritamente económicos.

## B. Conteúdos e programa da disciplina de Latim VI

### 1. Pressupostos e objectivos

#### 1.1. A disciplina de Latim VI e seus pressupostos

Na Faculdade de Filosofia, a par do enquadramento histórico-cultural da Antiguidade Clássica no primeiro ano, os alunos frequentam as disci-

plinas de Grego I e Latim I. Seguia-se o Latim II, também com autores da época clássica.

Esta formação, onde avulta a matriz ciceroniana e virgiliana, postulando uma *latinitas*, que privilegia uma *grauitas romana*, quase nos faz esquecer a *festiuitas*, a outra faceta peculiar do povo romano. Assim se reforça a ilusão de uma língua quase imutável, pois uma vez estabelecido o Latim literário no séc. III a. C., ele vai manter uma estrutura idêntica durante aproximadamente oito séculos. Daí a necessidade intrínseca de valorização de textos e autores das épocas Arcaica e Imperial. Cumpre-se, assim, o grande desígnio do estudo da Literatura Latina, que vai desde o período das suas origens (séc. VIII a. C.) até ao fim do período da decadência (séc. VI d. C.), numa época em que se manifestam os alvares das línguas românicas. E se ele continua como língua viva para além da época da decadência, isso acontece agora em circunstâncias substancialmente diferentes. Com efeito, os seus cultores são um grupo mais restrito e têm como língua materna uma das línguas modernas. Por isso, nas épocas posteriores, o Latim torna-se uma língua elaborada, à imitação dos escritores romanos. Decorre daqui que a Literatura Latina Medieval e a Literatura Latina do Renascimento sejam objecto de estudo próprio, como tem sido hábito nas Faculdade de Letras de Coimbra e Lisboa.

No ano lectivo 2005/2006, o Latim III foi leccionado pela primeira vez em regime semestral e o primeiro semestre ocupou-se da época Arcaica.

Nas primeiras aulas do Latim V, ocupamo-nos, tradicionalmente, das origens indo-europeias do Latim. Começa-se por sublinhar que foi o Latim, língua ainda hoje com relevo na Igreja Católica Romana, unido ao Grego, que proporcionou à civilização moderna ocidental a base da sua expressão linguística. Veículo de expressão de uma cultura marcada indelevelmente pelo ecletismo, o Latim recebeu vocábulos de substratos, nomeadamente da civilização mediterrânica (quer directamente quer por mediação grega), e de várias línguas, entre outras do etrusco, do sabino, do gaulês e do grego (Pisani e Palmer).

Iniciamos o estudo da história da Língua Latina com exercícios de leitura, datação e comentário linguístico de várias inscrições, sendo a primeira a famosa fíbula de Preneste, que se revelou um documento falso; traduzimos, ainda, excertos do *Senatusconsultum de Bacanabibus*, das *Leges quae dicuntur Regiae* e dos *Fragmenta Legum XII Tabularum*.

Propõe-se, neste momento, uma síntese sobre a importância das inscrições, que nos oferecem, geralmente, textos autênticos, contemporâneos dos acontecimentos e que se tornam indispensáveis para o estudo do nome próprio romano e da língua em aspectos como a ortografia, a fonética e a morfologia. Este capítulo, centrado nos textos epigráficos, é ocasião para se apresentar um primeiro quadro normativo para as desinências da flexão temática, a partir de Ernout (§§ 12-39).

A queda do Império Romano do Ocidente, no séc. V, marca virtualmente o início da sobreposição dos romances locais ao Latim. A corte de Carlos Magno (742-814) havia de dar um novo impulso aos Estudos Latinos, com destaque para o intelectual anglo-saxónico Alcuíno. A pronúncia do latim foi a grande contenda. No Renascimento, a questão ganha um novo fôlego com Erasmo (*De recta latini graecique sermonis pronuntiatione*) e Petrus Ramus. O séc. XIX, com a gramática comparativa (Franz Bopp), havia de assistir finalmente à reconstituição da pronúncia restaurada do Latim Clássico, hoje seguida quase universalmente. Há ainda a pronúncia tradicional (adaptada a cada nação) e a pronúncia eclesiástica ou romana ou italiana, adoptada pelos italianos e pela Igreja Católica Romana.

Desenvolve-se, agora o assunto da acentuação latina com referência à teorização dos gramáticos latinos (Cícero, *Orator*, 58; Varrão, apud Sergius, *Grammatici latini ex recensione H. Keilii*, IV, p. 525; Quintiliano, *De Institutione Oratoria*, XI.3.17; Prisciano, *Grammatici latini ex recensione H. Keilii*, III, p. 519; Marciano Capela, *De nuptiis Philologiae et Mercurii libri IX*, III.65.19) para se concluir que há uma tendência para explicar o acento latino formado por três elementos constitutivos: a intensidade, a altura e a quantidade (Ernesto Faria). Contudo, (Niedermann, § 8), da escola filológica francesa, sublinha que o latim desta época possuía essencialmente um acento de altura ou acento musical, que se há-de manter até ao séc. IV d. C.

Abre-se, agora, um novo capítulo na formação da língua latina, com o período literário. Os gramáticos e os escritores dos séculos III e II a. C. vão marcar decididamente a língua latina. Com os poetas cómicos, a língua latina, preferentemente familiar (v. g. Plauto), vai consentir um influxo anormal de empréstimos gregos. E assim, cada vez mais subserviente ao grego, nasce a língua literária latina. O período Arcaico (240 - 81 a. C.) é ainda marcado pela difusão dos diminutivos, normalização da conjugação e pelo aparecimento da *consecutio temporum*.

Daí a nossa proposta de textos e autores: Lívio Andronico, *Odissia*; Névio, *De Bello Punico*; Plauto, *Amphitruo*; Ênio, *Annales*; Terêncio, *Andria* e *Adelphoe*.

A propósito do cómico latino Terêncio, o trecho da *Andria*, que alguém intitulou sugestivamente «Protesto de Fidelidade», é ocasião para reflectir acerca da sua faceta moral: poder-se-á considerar o poeta um moralizador íntegro? A exploração deste texto leva-nos para exercícios semânticos e lexicais, a partir dos vocábulos *pudor*, *forma*, *pulcher* e *bellus*, *germanus* e *frater*; é ainda motivação para saborearmos a tessitura do texto literário: o uso da interjeição e da pergunta retórica, da anáfora, da aliteração, da paronomásia, do polissíndeto, bem como o uso do pronome reflexo e do possessivo, numa construção coerente com o estado emocional das personagens.

Já a comédia *Adelphoe* nos remete para o problema da educação, na altura, uma questão pertinente. Enquanto os Cipiões proporcionavam aos filhos uma educação helenizante, Catão afirmava que a educação grega era corruptora, educando seu filho Marco segundo a tradição romana, o *mos maiorum*. A esta questão, está ligada a autoridade paterna, que era despótica, a ponto de o pai poder dispor da vida dos seus próprios filhos. Um problema pedagógico que já não era novidade na Comédia Antiga (Aristófanes); na Comédia Nova, Menandro, modelo de Terêncio (a questão da *contaminatio*), já terá abordado este tema.

O trecho da comédia *Amphitruo* é ocasião para se falar do tema da guerra, que marca o nosso quotidiano. E não se trata apenas da violência física, mas também da coacção psicológica, por vezes, mais marcante. Na análise deste trecho, também se hão-de fazer exercícios semânticos e lexicais a partir dos vocábulos *contigit*, *opinor*, *domus*, *bellum*, *erudus* e *oppidum*.

## 1.2. Objectivos da disciplina de Latim VI

Como decorre da nossa exposição, o objecto do estudo de *Latim VI* situa-se na Época Imperial. Caminha-se para o ocaso da literatura latina de inspiração pagã; a crise espiritual do século III d. C. há-de renovar a afirmação da Literatura Latina, agora de inspiração cristã.

A par deste factor, um outro tem sido fundamental na programação desta disciplina: a *Selecta Latina III*, editada pelo P. António Freire, S. J. Desta colectânea se retiraram textos de Plauto e de Terêncio, autores do

primeiro semestre; o mesmo sucederá no segundo semestre, para Séneca, Marco Valério Marcial, Tertuliano, S. Jerónimo e Santo Agostinho; Gaio Petrónio Árbitro e Apuleio não fazem parte desta selecta.

Por outro lado, foi ganhando corpo a ideia de reunir um conjunto de textos que suscitasse uma reflexão alargada em torno do tema dos espectáculos, presentes na cultura e civilização latinas desde as suas origens. Com efeito, a tradição faz recuar a origem dos jogos, em Roma, aos tempos de Rómulo: em Tito Lívio (*Ab Vrbe condita*, I.9-13), encontra-se a descrição célebre do rapto das sabinas, que sucedeu durante estes jogos em honra do deus Conso. Depois das competições hípicas e gímnicas, a partir dos *Ludi Romani* de 240 a. C., a maior parte dos jogos, em Roma, passou a integrar representações dramáticas.

Toda a vida pública, em Roma, estava marcada pelo espectáculo, frequente e, muitas vezes, com propósitos políticos claros. As vitórias militares eram festejadas com grandiosos cortejos triunfais que desfilavam pelas ruas engalanadas da cidade a partir do Fórum romano. Certos magistrados romanos (cônsules, *dictatores*, pretores e o *Flamen Dialis*) marchavam pelas ruas da cidade precedidos dos *licttores*, que levavam no ombro esquerdo os feixes (*fasces*) de varas atadas com uma correia encarnada; um ditador dispunha de 24 *licttores*, número igual ao dos imperadores, a partir de Domiciano. As competições no circo ou no anfiteatro, os espectáculos teatrais e os numerosos festivais religiosos romanos animavam o espírito dos romanos. Idêntica predisposição marcava as festas familiares: a celebração do *dies natalis* e do *dies lustricus*; a entrada na idade adulta, em que o *puer* se torna *adulescens*, pelos 17 anos; o cerimonial do casamento, assim como o cortejo fúnebre.

Trata-se de um assunto com larga repercussão na actualidade. Com efeito, o nosso quotidiano é marcado pelas mais diversas actividades de natureza desportiva ou cultural. Manifesta-se, assim, determinante uma reflexão que desperte novas atitudes e conduza a uma mudança de mentalidade que há-de promover um novo agir. É um compromisso de formação, sensível a tudo o que é humano, construindo o futuro a partir de um presente iluminado pelo passado. Por isso, o programa será intitulado *Roma: uma civilização dos espectáculos*.

Trata-se de um *corpus* textual alargado, com tratamento de textos diferenciado: se uns serão objecto de estudo durante a leccionação, outros haverá que serão alvo de uma breve referência. A sua organização obedece

a critérios cronológicos, embora, durante a execução do programa, possam ocorrer alterações, aconselhadas pelas circunstâncias.

Por último, não se pode esquecer que o grande objectivo da formação de um estudante de Estudos Clássicos é habilitá-lo com os instrumentos necessários de modo a compreender e a 'saborear' os autores clássicos na sua língua original, enquanto património cultural de valor inestimável para a humanidade.

Tendo em atenção o que acima fica dito, avancemos, agora, para a definição dos principais objectivos da disciplina de *Latim IV*. Assim, o primeiro deles será contribuir para uma formação mais humanista, isto é, enriquecer os horizontes culturais do aluno com textos da latinidade que reflectem novas facetas do espírito humano, a ponto de Marcial afirmar que *hominem pagina nostra sapit*. Este contacto há-de possibilitar a compreensão e a análise crítica das grandes transformações político-sociais dos tempos modernos o que, por sua vez, se transforma num incentivo motivador de uma actividade de pesquisa, orientada para uma constante actualização. Esta atitude vai determinar uma maior consciencialização das raízes clássicas da cultura ocidental e, em particular, da portuguesa.

Estes aspectos culturais são desenvolvidos predominantemente a partir dos textos, objecto nuclear dum programa de Língua Latina. O aluno é chamado a desenvolver e a consolidar capacidades de leitura, compreensão e tradução cuidada, a que se alia a sensibilidade para a análise estético-literária, um contributo iniludível para a formação das faculdades humanas que, numa caminhada ascendente, buscam o sentido do belo.

Deste modo, desenvolvem-se capacidades de reflexão e de precisão, o valor da persistência e do trabalho, desperta-se o espírito crítico e a autonomia pessoal, valores humanos que decorrem da especificidade de uma formação em línguas clássicas, quase ausente nas línguas modernas. Com efeito, a tradução é uma arte que se vai aprendendo, traduzindo. Decorre deste exercício a consolidação dos conhecimentos da estrutura da língua latina e a aquisição de novo vocabulário, favorecida com exercícios de exploração semântica e etimológica, tendo sempre em vista o domínio aprimorado da língua materna. Com Marcial, o aluno vai aprofundar os seus conhecimentos no âmbito da métrica latina, nomeadamente reconhecer e escandir o dístico elegíaco e o hendecassílabo falécio.

Esta reflexão sobre a língua há-de ainda promover no aluno o conhecimento acerca das diferentes etapas da evolução da Língua Latina, de

forma a interpretar correctamente os condicionamentos sociais e históricos mais influentes nas transformações linguísticas. Neste semestre, vamos ocupar-nos da especificidade do Latim vulgar, do Latim dos cristãos e do Latim tardio.

### 1.3. Conteúdos programáticos de Latim VI

Tema: *Roma, uma civilização dos espectáculos.*

A vida pública em Roma caracterizava-se por uma interdependência da política, da cultura e da literatura. O gosto romano pelo espectáculo favoreceu, desde o início, o desenvolvimento das representações dramáticas, que faziam parte dos grandes festivais romanos. A estes certames estão associados inconfessáveis desígnios políticos: em troca da diversão oferecida, buscavam os soberanos a *aura popularis*.

Esta ligação dos jogos à política já é visível nas lendas das origens de Roma, com o célebre rapto das sabinas, realizado aquando de festivais em honra do deus *Consus*. Os primeiros *ludi scaenici* chegam a Roma, oriundos da Etrúria, em 369 a. C. (Tito Lívio, *Ab Vrbe condita*, VII.2.1-13).

O teatro vai afirmar-se, sobretudo, no período Arcaico; nestas origens se manifesta o *Italum acetum*, uma das manifestações mais características do espírito romano e que está na origem da criação da comédia.

As primeiras manifestações cénicas, os versos fesceninos (*fescenina iocatio*), podem talvez considerar-se um documento da diversão dos camponeses latinos por altura das fainas agrícolas das ceifas e das vindimas. Propõe-se, como actividade, a leitura, tradução e comentário dos testemunhos que nos legou a tradição literária latina: Virgílio, *Georgica*, II, 385-389; Horácio, *Epistulae*, II.1.139-155; Tibulo, II.1.51-56.

A par deste elemento itálico de influência etrusca, há outro, com origem na Campânia, na cidade de Atella, a que deve o seu nome, as atelanas (*fabulae atellanae*). De enredo complicado, a julgar pelo testemunho de Varrão, os actores improvisavam livremente, embora sujeitos à natureza de cada uma das máscaras, uma série de gracejos e travessuras. Plauto dá a si mesmo o nome de *Maccus* (ou *Stupidus*), uma das quatro máscaras, uma forma de nobilitar o nome do papel da atelana que costumava representar.

O mimo (*ludus graecus*, *fabula planipedaria*) é outro elemento de grande popularidade no mundo latino, até ao final do Império, com o seu carácter lascivo e a sua linguagem coloquial. Décimo Labério foi o primeiro autor a dar-lhe forma escrita: exemplifica-se com a leitura, tradução e

comentário de fragmentos deste autor (e. g. 9, 22, 40, 52) e de um trecho de Suetónio (*Octavius Augustus Caesar*, 99).

Na pervivência das manifestações dramáticas latinas primitivas, também se farão exercícios de leitura, tradução e comentário de excertos. Para os versos fesceninos, um trecho de Catulo (LXI.119-133), dos cantos nupciais que os convivas entoavam no cortejo que acompanhava a noiva à sua futura casa, e um outro da comédia plautina (*Pseudolus*, 350-369), que nos revela a originalidade deste autor latino (cómico de caracteres, de situação e de linguagem). Horácio (*Epistulae*, II.1.170-176) critica a influência da atelana em Plauto (*Epidicus*, 255-281), que sobrevive ainda em *exodia*, como refere Juvenal (III.171-178). A atelana seria elevada ao género literário com Pompónio e Nóvio. Do mimo e da *satura*, mencionada por Tito Lívio, há sobrevivência em Plauto (*Stichus*, 731-775).

São estes os elementos que existiam ao tempo de Lívio Andronico, escravo vindo de Tarento, o primeiro autor de obras dramáticas, comédias e tragédias de assunto grego, de uma obra épica latina, traduzida do grego, e de uma obra lírica, tudo em língua latina. Com Névio, surge a comédia de assunto nacional (*fabula togata*) e provavelmente a tragédia de assunto nacional (*fabula praetexta*). Como Lívio Andronico, foi cultor da comédia e da tragédia de assunto grego (*fabula palliata* e *fabula cothurnata*, respectivamente). Ênio há-de cultivar todos os géneros literários, sendo o seu poema épico, os *Annales*, escrito em hexâmetros, fonte da Eneida. A sua importância na Literatura Latina levou Cícero a atribuir-lhe o epíteto de *pater Ennius*.

A par desta visão das origens do teatro latino, toma-se contacto com as diversas manifestações literárias dos primeiros autores latinos; apenas o romance se inicia na época Imperial. Procura-se, deste modo, recuperar o fio condutor dum tema que nos vai continuar as disputar as atenções.

#### Sêneca

Natural de Córdoba, nasceu no início da era cristã e a morte havia de o surpreender no ano 65, em Roma. Aqui fez a sua formação, tendo o seu espírito sido impregnado pela reflexão filosófica, de influência estoica. A insistência do pai, levou-o a abraçar a carreira de advogado e de um político brilhante, que despertou a *invidia* de Calígula. Messalina, esposa do imperador Cláudio, motivaria o seu desterro, na ilha da Córsega, durante oito anos. A notoriedade da sua obra filosófica valeu-lhe o chamamento de Agripina, que o nomeou preceptor de Nero, seu filho. Desiludido com os exces-

sos do seu aluno, afasta-se da corte. Mas o imperador não lhe perdoaria a desobediência: implica-o na conjura de Pisão, pretexto para lhe ordenar a morte, que ele acata, abrindo as veias, como descreve Tácito (*Annales*, XV.60-64).

A sua obra filosófica, sobretudo, e o seu teatro reservaram-lhe, a par de Cícero, Virgílio e Horácio, um lugar ímpar entre os maiores autores da literatura latina. Desde cedo conheceu uma enorme simpatia entre os Padres da Igreja, como S. Jerónimo e Santo Agostinho.

O tragiógrafa – Na época Imperial, representava-se fundamentalmente o mimo e a pantomima: o primeiro substitui a comédia, enquanto o segundo ocupa o lugar da tragédia. Estas representações serviam os instintos mais abjectos do povo.

Chegaram até nós nove tragédias seguramente atribuídas ao Cordovês, que desenvolvem temas da mitologia grega. São textos repletos de cenas de horror, num tom patético, uma clara alusão à sua época, manchada por crimes horrendos. São frequentes as passagens em tom sentencioso e reflexivo, longos monólogos e confidências, reveladores da trágica condição humana dilacerada pela violência dos conflitos. É um teatro que reflecte o desejo de libertação de um mundo de violência titânica, é um grito de liberdade, como afirma Pierre Grimal (*Pallas*, 1992).

*Thyestes* – Os protagonistas desta tragédia são os irmãos Atreu e Tiestes, filhos de Pélops e Hipodamia. A acção passa-se no palácio de Micenas. Na disputa do trono, Atreu descobre a intriga da sua esposa, Aérope, com Tiestes. Atreu, entretanto, concebe uma vingança hedionda contra seu irmão: chama-o ao palácio e serve-lhe uma refeição confeccionada com os seus próprios filhos. É este o assunto do *mythos* do *Thyestes* senequiano, que já havia sido glosado pelos poetas arcaicos latinos, Ênio e Ácio e por Lúcio Vário Rufo, da época clássica.

Elegemos duas passagens do Acto II (204-218; 244-259), que representa a vitória do *furor regni* sobre a *bona mens*. Atreu, em confidência com o Valido, revela-lhe os seus planos de crueldade para com o irmão. Retrata-se a figura do tirano, do mau governante e dá-se expressão ao sadismo mais torpe: busca-se, pela persuasão, a destruição moral e não a eliminação física do opositor, numa busca doentia do horror. Oportunidade para reflectir sobre temas como a amizade, a lealdade e os laços de família. A nível estilístico, identifica-se a ideia-chave de 'poder', a par da de 'querer', bem como a de 'desvario' aliada à ideia da prática de um crime inaudito; a repetição das mesmas palavras e das mesmas ideias reforça o efeito morali-

zador; a veemência da paixão expressas através da *antibalê* e da *esticomítia*.

Ecoss dos espectáculos nas *Epistulae* – A introduzir a epistolografia senequiana, haverá uma referência a Plínio-o-Moço (62-113), a quem se deve a criação da denominada 'carta literária'. Contrariamente a Cícero, Plínio escreveu as suas cartas tendo em vista a publicação. Duas cartas serão objecto de comentário: uma delas faz referência aos jogos circenses, que ele condena, pois são uma perda de tempo (*Epistulae*, 9.6); a outra dá-nos notícia do ambiente que rodeia as *recitationes*, uma actividade que, segundo ele, não tem despertado grande interesse junto da assistência (*Epistulae*, 1.13).

Em Roma, os jogos públicos – os *Ludi* – na sua origem, estiveram ligados à religião. Nestes festivais, não havia lugar para competições atléticas. Estas provas desportivas haviam de ser introduzidas nos *agones* gregos, que conheceram a sua primeira realização no séc. II a. C. Com efeito, a *grauitas* da aristocracia romana desde sempre manteve uma atitude de suspeição relativamente a este género de provas. Deu voz a este descontentamento, entre outros, Sêneca, numa das cartas que dirigiu ao seu amigo Lucílio (*Epistulae*, I.7), condenando a crueldade dos jogos na arena do anfiteatro. A condenação da musculação excessiva surge noutras duas cartas (*Epistulae*, II.15; IX.80). Atitude idêntica sucede no início do séc. III a. C., quando Cipião Africano, na Sicília, participava nos exercícios do ginásio (Tito Lívio, *Ab Vrbe condita*, XXIX.19.12). É neste contexto que se compreende, ainda, uma nota sobre o tratamento devido aos escravos, segundo Sêneca, pois os escravos são tão homens como os demais e por isso mesmo, merecedores de igual distinção. Uma opinião em defesa da dignidade da pessoa humana, inconcebível para a sua época (*Epistulae*, IV.41; V.47).

O testemunho de Sêneca é significativo, pois é contemporâneo da consagração dos jogos atléticos segunda a forma grega: realizados pela primeira vez em 60 d. C., os *Neronia* seriam instituídos sob o impulso do imperador Nero. A sua morte precipitou o fim destes jogos. Mais tarde, com Domiciano, iniciam-se os *ludi Capitolini* (86 d. C.), em honra de Júpiter, que se realizavam de quatro em quatro anos.

O exercício de leitura, tradução e comentário hão-de compreender os aspectos estilísticos, nomeadamente a referência a frases breves, num estilo que evita a subordinação e pretende aproximar-se da oralidade. Na prosa de Sêneca são recorrentes a antítese, o paradoxo, a metáfora ou o símil (muito frequente a sua inspiração na vida militar, na medicina, na lei ou no

comércio). A sua maior inovação consistia na adopção de um estilo coloquial, que valorizava a espontaneidade.

#### Petrônio

Trata-se de um magistrado romano, admitido no círculo dos amigos íntimos de Nero, que o imperador considerava *arbiter elegantiarum*. Como despertou a *invidia* de Tigelino, conheceu destino igual ao de Séneca: foi envolvido na conspiração de Pisão e acabou por pôr termo à vida em 65 d. C. É provavelmente o autor do *Satyricon*, composto à maneira da sátira menipeia (*satura Menippea*), em prosa e verso. Nesta obra manifestam-se influências da fábula milésia, do romance de aventuras e do romance sentimental, revelando-se difícil a sua classificação.

Para uma visão completa do romance latino, torna-se necessária uma referência a Apuleio (125-180 d. C.), natural do norte de África que, segundo Rostagni, é o único escritor genial do século dos Antoninos, superando as correntes comuns da retórica, da sofística e dos *poetae nouelli*. As *Metamorfoses* (ou *Burro de Ouro*) são a sua obra mais conhecida, um romance de aventuras do tipo das *Fabulae Milesiae*.

O aparato da *Cena Trimalchionis* – Chegaram-nos fragmentos dos livros XIV e XVI, que nos relatam as aventuras de Encópio e do seu amante Gíton, a que se unem outras personagens como Ascilto e o poeta Eumolpo. A acção decorre na Itália meridional, numa *graeca urbs*, nas proximidades de Cumas.

O herói, à semelhança de Ulisses ou de Eneias, vagueia pelo mundo por causa da ira de Priapo, pois ousou violar o seu culto. Por aqui se poderá fazer uma ideia do espírito aventureiro que anima Encópio, um jovem educado tradicionalmente, sem moral. O episódio mais longo que se conservou é a denominada *Cena Trimalchionis*, em que o anfitrião é um liberto rico, que convidará os quatro companheiros.

É ocasião oportuna para se traçar uma caricatura do novo rico, que procura impressionar os convivas com a ostentação de riquezas. Petrônio vai retratar eficazmente os pensamentos e a linguagem de uma classe específica, numa clara denúncia das misérias morais que assolam uma sociedade decadente. A linguagem das personagens está muito bem caracterizada, adequada à sua conduta.

Foi com a preocupação de caracterizar o Latim Vulgar que seleccionámos alguns trechos deste episódio (*Satyricon*, 41.9-46.8; 63). A presença de Trimalquião é dominante, como se fora um *dux gregis*; por isso se com-

preende que, na sua ausência, o ambiente se tenha animado entre os convivas. Trata-se de um passo que se caracteriza pela vivacidade da linguagem popular. O capítulo sessenta e três já nos apresenta Trimalquião a contar uma história das feiticeiras. Far-se-ão exercícios de leitura, tradução e análise textual (Veikko Väänänen).

A existência de uma latinidade de carácter popular está subjacente a toda a linguagem literária. Debateremos a questão da designação e o conceito, a que se seguirá uma indicação das fontes para o estudo do Latim Vulgar: as cartas de Cícero são testemunho do latim coloquial urbano no fim da República; o ensino dos gramáticos (*Appendix Probi*), os tratados técnicos (Vitruvius, *De architectura*; Vegécio, *Mulomedecima Chironis*; Antimo, *De obseruatione ciborum*), os glossários, as inscrições e os cristãos (*e. g. Peregrinatio Aetherae*).

Na continuidade do primeiro semestre, haverá consolidação de conhecimentos com o estudo da gramática normativa (Ernout e Thomas), complementada pelo estudo da gramática histórica (Ernout), de que faremos sínteses, para facilitar a sua compreensão, nomeadamente sobre a conjugação latina (desinências e temas do *inflectum*).

#### Marcial

Marco Valério Marcial é natural de BÍlbilis, na Hispânia: a terra que o viu nascer no ano 40, abriria as suas entranhas para o receber em 104 d. C., depois de uma desafortunada estada na capital do Império. Aqui usufruiu da protecção dos seus compatriotas Séneca e Lucano, um círculo de amizades que se alargaria a Quintiliano, Plínio-o-Moço e Juvenal.

O poeta perderia os dois conterrâneos às mãos de Nero, arrastando-se em Roma penosamente por entre os poderosos, que lhe dispensavam a sua protecção a troco da adulação dos seus versos. Este *cliens* havia de conhecer o primeiro sucesso das suas letras com a publicação do *Liber Spectaculorum*, que celebra as maravilhas do Anfiteatro Fávio (Coliseu), inaugurado por Tito em 80 d. C. Escreveu catorze livros de epigramas.

O epigrama, os espectáculos e os vícios humanos – A obra de Marcial inscreve-se no género do epigrama, um género que se iniciou na Grécia. Nos seus começos, foi uma breve inscrição sobre a pedra tumular. Depois hão-de aparecer os epigramas amorosos e satíricos, no âmbito literário, cultivados por Catulo (84-54 a. C.). Foi Marcial que moldou a natureza moderna do epigrama, emprestando-lhe brevidade e a concisão lapidar.

Poeta do quotidiano, do instantâneo fotográfico, Marcial ataca os vícios mas não os viciosos, ocultando os seus nomes. Um testemunho profundamente humanista, que coloca o Homem no centro das suas preocupações: *hominem pagina nostra sapit*. Nos seus versos encontramos os mais diversos tipos humanos (médicos, advogados...).

Como já se viu em Séneca, os *certamina graeca* não gozaram de grande favor entre a aristocracia romana. Marcial, embora apoiasse Domiciano, o fundador do *agon Capitolinus*, segundo o paradigma olímpico, não deixa de levantar a sua voz contra os que se entregavam ao exercício físico (III.68; IV.55; VII.32; X.74, 76; XIV.49). Mas nos seus epigramas também se celebram os jogos tipicamente romanos, quando se inaugura o Coliseu: as *uenationes* (*Liber de spectaculis*, 1, 12, 16, 19, 21), a luta de gladiadores (ibid., 23) ou a naumaquia (ibid., 27). Ali se revelam ecos das festas e jogos que consagraram as vitórias de Domiciano (VIII.11, 26, 30, 65) ou ainda da frágil natureza humana (I. 10, 19, 29, 38, 39, 47, 56, 64, 79, 91; II. 7, 25; III. 8, 39; V. 9, 29, 43; VI. 19; VII. 83; IX. 10, 53; X. 8, 43; XI. 64, 67, 86).

Os exercícios de leitura, tradução e comentário serão ocasião oportuna para aprofundar conhecimentos da gramática normativa (Ernout e Thomas), complementada pelo estudo da gramática histórica (Ernout), de que faremos sínteses, para facilitar a sua compreensão, nomeadamente sobre a conjugação latina (desiências e temas do *perfectum* – *Epigrammata*, V.9). Do ponto de vista métrico, far-se-á a escansão do dístico elegíaco, do hendecassílabo falécio e do trímetro iâmbico escazonte ou coliambo (Nougaret, respectivamente §§ 138-150; §§ 285-286; §§ 285-286).

#### S. Jerónimo

Nasceu a meados do séc. IV, na região da Dalmácia e estudou em Roma, na escola de Êlio Donato. Aqui aprendeu o Latim e o Grego. Mais tarde, aprendeu o hebraico. Morreu em Belém, cerca de 420. Cerca de 382, a pedido do Papa S. Dâmaso, inicia uma actividade de revisões e traduções da Bíblia que só havia de concluir em 406 d. C., que originou o aparecimento da *Vulgata*, que privilegia a fidelidade ao sentido do texto original; em 1546, o Concílio de Trento reconhece-a como a única autêntica. As traduções anteriores constituem a *Vetus Latina*.

Entre as suas obras encontra-se o *De Viris Illustribus*, composto segundo o modelo de Suetónio, e um valioso epistolário.

Renúncia aos autores pagãos – Em 197 d. C., o africano Tertuliano, natural de Cartago (c. 160), inicia a composição da obra *De spectaculis* (XVI – texto a analisar na aula), que se destinava às comunidades cristãs, com dificuldades em renunciar aos divertimentos públicos. São Cipriano (200-258 d. C.), S. Basílio (330-379 d. C.) e S. João Crisóstomo (347-407 d. C.) também se ocupariam do mesmo assunto. Entretanto, torna-se paradigmática a homilia de S. Basílio, que dirigiu aos jovens sobre a maneira de tirar proveito das obras literárias dos autores pagãos.

O texto da epistolografia de S. Jerónimo narra-nos o sonho do santo que se viu diante do tribunal divino a responder a Cristo que era cristão, ao que Ele replicava que não, que era ciceroniano. Até que prometeu não ler mais livros pagãos. Deve interpretar-se esta passagem como um sinal claro da inoportunidade de interromper os exercícios de penitência e de estudo das sagradas Escrituras com as leituras de tais autores, como S. Jerónimo se havia proposto quando se retirou para o deserto.

Súmula com breves considerações sobre a Língua Latina no final do Império; o Latim Cristão forma-se a partir do séc. II d. C. Aponta-se a importância da “Escola de Nimega” (Christine Mohrmann). A especificidade da língua latina dos cristãos.

#### Santo Agostinho

Contemporâneo de S. Jerónimo, é natural da Numídia. Sua mãe, Mónica, era cristã; Patrício, seu pai, havia de converter-se. Aos 19 anos, lê o *Hortensius*, de Cícero, que o incita à reflexão filosófica. Em 383, cansado do ensino em Cartago, demanda a cidade italiana de Milão. Nesta cidade, Santo Ambrósio havia de o cativar com as suas homilias, baptizando-o em 387, no dia de Páscoa. Regressa, depois, a África, à cidade de Hipona: em 391, terá sido ordenado sacerdote; cinco anos mais tarde, ascende ao episcopado. Um dos maiores escritores de todos os tempos, as *Confissões* e a *Cidade de Deus* contam-se entre os seus numerosos escritos com celebridade universal.

A caminho de Deus – O papa Júlio II, no início do séc. XVI, convidou Rafael para executar a decoração a fresco dos seus aposentos. Na primeira Câmara, chamada da *Assinatura*, pintou ele a *Escola de Atenas*, que representa a Filosofia. Ao centro, Platão dialoga com Aristóteles, rodeados por numerosas personagens: enquanto o mestre aponta o céu com o dedo indicador da mão direita, o jovem Aristóteles, segurando o tratado da *Ética* na *manus sinistra*, parece indicar a terra. Simboliza este movimento antitético

o conflito espiritual latente que marcou sucessivas gerações da Antiguidade Clássica. A partir do séc. III d. C. a literatura latina de inspiração pagã soçobra enquanto o cristianismo devolve à Língua Latina o prestígio da idade de ouro, para não mais deixar de a enobrecer. Um itinerário bem definido no pensamento do padre dominicano André-Jean Festugière, ilustre helenista francês: «o helenismo é uma marcha ascendente para Cristo». Justificamos, deste modo, o título deste último parágrafo do nosso programa e a eleição de um trecho das *Confissões* (VIII.12), de Santo Agostinho.

Trata-se de um texto de natureza autobiográfica, que nos dá conta das dificuldades de conversão deste Santo, que deve a sua 'libertação' à graça de Jesus Cristo.

### Conclusão

É um lugar comum afirmar-se que a cultura ocidental vive momentos de grande perturbação. E tem sido neste contexto que algumas vozes autorizadas se têm feito ouvir na defesa de uma formação mais equilibrada: «não basta termos bons técnicos, é preciso torná-los mais humanos».

Também é com relativa unanimidade que se aceita que a Europa foi construída sobre os paradigmas greco-romano, judaico-cristão e, em parte, arabo-islâmico, o que sublinha a importância do factor religioso no Velho Continente.

Numa época em que os Estudos Clássicos têm cada vez menos visibilidade, para este Relatório da disciplina de Latim VI escolhi o teatro: a sua feição pedagógica, social e política, à imagem da tragédia ática do séc. V a. C., ainda hoje se fazem sentir na pólis moderna. É um fenómeno de massas que alicia, desperta a empatia do Homem de todas as classes sociais.

Procuramos, deste modo, uma revalorização da cultura clássica enquanto parte das humanidades e da cultura em geral, na sua dupla face: modelos a seguir e modelos a evitar. As grandes controvérsias da actualidade – a globalização, o imperialismo, a guerra, o multiculturalismo, a eutanásia e o suicídio assistido, o lazer e cultura – encontram, no programa agora proposto, motivos suficientes para reflexão.

Propõe-se um caminho!...

### Referências<sup>1</sup>

- AGOSTINHO, Santo  
2004 *Confissões*. Tradução e notas de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Sousa Pimentel. Introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas. Edição bilingue. Lisboa: CLCPB e IN-CM.
- CAMPOS, J. A. Segurado e  
2001 «Tragédia e justiça no teatro de Séneca», in: Brasete, Maria Fernanda (org.): *Máscaras, vozes e gestos: nos caminhos do teatro clássico*, 153-177. Aveiro: Universidade.
- EGÉRIA  
1998 *Viagem do Ocidente à Terra Santa, no séc. IV (Itinerarium ad loca sancta)*. Estudo e tradução de Alexandra B. Mariano, texto latino por Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri.
- ERNOUT, Alfred  
1970 *Pétrone – Le Satiricon*. Paris: Belles Lettres.  
1973 *Recueil de Textes Latins Archaïques*. Paris: éditions Klincksieck.
- FARREL, Joseph  
2001 *Latin Language and Latin Culture, from ancient to modern times*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FEDELLI, Paolo  
2004 *Storia letteraria di Roma*. 2 vols. Napoli: Fratelli Ferraro Editori.
- GUISARD, Philippe et Laizé, Christelle  
2001 *Grammaire nouvelle de la langue latine. Morphologie, syntaxe et stylistique. Histoire de la langue. Illustrations littéraires*. Rosny-sous-Bois: Bréal.
- JERÓNIMO, S.  
1996 *Sancti Hieronymi Epistulae Pars I, II, III (Epistulae I-CLIV)*, Isidorus Hilberg (ed.) & Margit Kamptner (comp.), *Epistularum Indices et Addenda*. Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum, vol. LIV, LV, LVI/1, LVI/2 – editio altera supplementis aucta. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften.
- MARCIAL,  
1990 *Epigramata*. Ed. D. R. Shackleton Bailey. Stuttgartiae: Teubner.  
2004 *Epigramas*. Introdução e notas de Cristina de Sousa Pimentel; tradução de Delfim Ferreira Leão, Paulo Sérgio Ferreira e José Luis Brandão. 4 vols. Lisboa: Edições 70.
- MEILLET, A.  
1980 *Historia de la Lengua Latina*. (Trad. de *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine*, Éditions Klincksieck, Paris, 1966). Madrid: Ediciones Avesta.
- MOHRMANN, Christine  
1977 *Études sur le Latin des Chrétiens*. I – IV. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura.

<sup>1</sup> Indicam-se apenas alguns títulos de edições e traduções.

OLIVEIRA, Francisco de

- 2002 «O campo semântico de *possum* na tragédia de Séneca», in: *De Augusto a Adriano - Actas de Colóquio de Literatura Latina*, 499-510. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos.

SÉNECA

- 1999 *Tragédies*. Texte établi et traduit par A.-R. Chaumartin. 3 vols. Paris: Les Belles Lettres.
- 2004 *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SOARES, Nair de Nazaré Castro

- 2004 «O drama dos Atridas. A tragédia *Thyestes* de Séneca», *Ágora - Estudos clássicos em debate* 6: 51-98.

VÄÄNÄNEN, Veikko

- 1988 *Introducción al Latín Vulgar*. Trad. Manuel Carrión. Madrid: Editorial Gredos.